

Síndrome metabólica pode ter novo marcador

Educação Física

Enviado por:

Postado em:13/07/2009

Um estudo que está sendo desenvolvido por pesquisadores na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) busca propor a relação entre as medidas do pescoço e da coxa como um novo marcador de risco para a síndrome metabólica. Essa proporção poderá complementar e até substituir a circunferência abdominal, usada para definir os fatores de risco para doenças cardiovasculares. Saiba mais...

Medida do abdômen pode sofrer várias interferências; síndrome é caracterizada pela obesidade central e pela resistência à insulina. Um estudo que está sendo desenvolvido por pesquisadores na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) busca propor a relação entre as medidas do pescoço e da coxa como um novo marcador de risco para a síndrome metabólica. Essa proporção poderá complementar e até substituir a circunferência abdominal, usada para definir os fatores de risco para doenças cardiovasculares. Segundo os autores, a medida da cintura pode sofrer interferências. Nos obesos, por exemplo, o abdômen em pêndulo (quando a barriga está caída) dificulta a medida. Nas mulheres, fatores como cirurgias plásticas e pneuzinhos de gordura interferem nos dados. O tamanho do osso do quadril também pode fazer diferença. "Exames de ultrassom mostram que indivíduos com a mesma circunferência abdominal podem ter perfis metabólicos diferentes", conta o endocrinologista Bruno Geloneze, um dos líderes do trabalho. A pesquisa faz parte do estudo Brams (Brazilian Metabolic Syndrome Study), que começou há quatro anos e já avaliou cerca de 3.000 pessoas. O próximo passo é confirmar nos voluntários, através de exame de sangue, a presença da resistência à insulina -um dos pilares da síndrome. Os dados devem sair até o fim do ano. Mas já sabe-se que, quanto maior a relação pescoço-coxa, pior o perfil metabólico. O pescoço foi escolhido como marcador de risco porque só aumenta de tamanho quando há acúmulo de gordura (excetuando-se os problemas na tireoide, como o bócio). E essa gordura tem estreita correlação com a chamada gordura troncular-aquela presente no tronco, composta tanto de gordura visceral quanto de gordura subcutânea profunda, ambas consideradas nocivas. Já a coxa, por sua vez, seria um marcador de proteção contra doenças porque tem basicamente músculo e gordura subcutânea superficial, que tem efeitos protetores. A medida do fêmur quase não interfere. A síndrome metabólica tem relação com a localização do acúmulo da gordura no corpo. A falta de gordura na periferia (quadril, pernas, coxas) e o excesso na região central seriam o estopim para o distúrbio. A localização da gordura é geneticamente determinada, mas há também um fator hormonal, pois o estrogênio estimula o depósito na periferia. Por isso as mulheres acumulam mais nas coxas e quadril, enquanto os homens ficam mais barrigudos. Enquanto as células de gordura da periferia são menores e se quebram menos, na região visceral ocorre o oposto: células grandes, que se quebram facilmente. Ao se quebrar, elas liberam ácidos graxos que vão para o fígado. Isso atrapalha seu funcionamento, que produz mais glicose e triglicérides e gera resistência à insulina. A gordura visceral também produz proteínas que causam inflamações nos vasos, por exemplo. Já a gordura periférica fabrica adiponectina, que tem ação contrária. Atuais medidas Para o endocrinologista Amélio Godoy Matos, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, a atual forma de medir o risco metabólico é eficiente. "A medida do abdômen tem uma ótima correlação com a gordura visceral." Segundo Marcio Mancini, da

Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, a medida do pescoço é muito usada para apontar o risco de apneia, que está relacionado à síndrome. Nem todo obeso tem a síndrome. Apesar de estar relacionada a várias doenças, a obesidade nem sempre é sinal de síndrome metabólica. Há obesos que têm pouca resistência à insulina e são metabolicamente magros. E há pessoas com ligeiro sobrepeso com metabolismo de obesos. Fonte: Portal da Educação Física/ Folha de S. Paulo